

**A ÚLTIMA AULA**

O sinal aberto e seus passos já podem ser ouvidos do corredor. Os minutos passam, os quais parecem segundos. O tempo voa, e, com certeza, ninguém quer que ele venha para dar aula. Mas ele surge, e a insatisfação toma conta de todos. Ele chega com sua famosa calça jeans – parece que tem 20 iguais – com a tradicional blusa branca e seu guarda pó em que um “U” gravado no bolso determina ser ele o professor, seus sapatos fazem um barulho insuportável a nos provocar.

Ele já é desagradável quieto, imagine quando começa a explicar: são verbos para lá, pronomes para cá, por que ele não fica doente e morre? É isso mesmo, morrer, na sala, na frente de todos, o que traria satisfação ao olhar dos alunos, seríamos livres, sem mais regras gramaticais. Como poderia ser tal espetáculo? Da forma cubana – matar para depois perguntar -, ou da forma dos grandes mafiosos – a tortura? Bem, se estivessem disponíveis aqueles instrumentos da época medieval... é muito complicado, teria de ser uma ferramenta simples, algo que estivesse aqui, nessa sala.

Já eram dez minutos marcados no relógio e ele nem sabia o que o esperava: hora de dizer adeus ao quadro, ao giz, aos livros e até à calça jeans, ou será que ele iria ser enterrado com ela? Vai ser tão bom sem mais o barulho de seus sapatos, sem sua sombra no quadro, seu vai e vem na sala...

Mais dois minutos, agora é a hora, vou com a desculpa mais inocente, mas com a razão mais diabólica. Caderno e lápis na mão. O lápis que me acompanhou nessa tortura será o meu companheiro mais uma vez. Quando ele termina a explicação e vira-se de costas, seguro firmemente meu Laís e ele se vira para mim..., agora está tudo acabado.

Luiza de Souza

1999